CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS – DAM

APOSTILA CEIC

DOS MÉDIUNS

Volume II

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00675

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 60.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XX – Item 227 – Influência Moral do Médium – Questões Diversas – Dissertação de um Espírito sobre a Influência Moral (Livro dos Médiuns, página 261).

EXERCÍCIO MEDIÚNICO

70. O médium de transe consciente pode fazer uma avaliação do seu desenvolvimento mediúnico: de que forma?

Através da facilidade com que as comunicações se dão.

A questão da consciência na mediunidade sempre foi um grande tabu pelos conflitos que engendra na personalidade do médium. Por exemplo: estamos todos na reunião mediúnica, em estado de calma, de relax. De repente, em nosso campo mental, irrompe uma volúpia de bem-estar ou de ira. Trata-se da aproximação de um Espírito. Não existe razão para o médium começar a fazer disto um motivo de conflitos: - Será que sou eu? Será que está no meu inconsciente?

No início do desenvolvimento da faculdade, é possível que sejam conflitos arquivados no inconsciente, mas somente chegaremos ao estado mediúnico passando pelo de natureza anímica. O médium consciente, portanto, pode avaliar o fenômeno pela facilidade com que se vão dando as comunicações.

O estado de lucidez, a claridade mental, não importam. O que se deve observar é a forma lúcida, rápida e escorreita com que o fenômeno da psicofonia ocorre. Como na arte de falar, a pessoa fala escolhendo as palavras, formando as frases, errando as conjugações verbais, a harmonia do conjunto. Depois, vai aprimorando-se, e em breve fala corretamente sem raciocinar. No fenômeno mediúnico dá-se a mesma ocorrência. O médium pode, dessa forma, avaliar o seu progresso, o seu estágio de desenvolvimento ou o seu atraso pela facilidade, pela normalidade ou pela dificuldade com que as manifestações se dão. No entanto, ninguém suponha que qualquer comunicação seja sempre cem por cento do Espírito comunicante.

Mesmo nos fenômenos de efeitos físicos, que independem do contributo intelectual do médium, o ectoplasma, a radiação, é do medianeiro. O Espírito pode materializar-se e trazer as feições do sensitivo, porque o perispírito do encarnado nem sempre deixa de influenciar...

Para ter-se uma boa ideia a respeito, tente-se assinar um cheque segurando a mão de uma pessoa que não sabe escrever, e veja-se como sairá a letra: nunca se consegue uma igual à que está no arquivo. Ou, então, com a mão envolvida por uma luva muito grossa, de boxeador, por exemplo, tente-se escrever para verificar a dificuldade que se encontra. Todavia, com o treinamento, através da técnica da repetição, é possível conseguir-se traços de razoável aceitação.

Pelo exposto, o médium não se deve preocupar. Deixando que o fenômeno flua com naturalidade, em breve já não será participante, porque o desfecho vai-se tornando tão veloz que o sensitivo não pensa para dizer. Em vez disso, ouve o que está dizendo, deixa de ser agente, para ser expectador, até o momento em que a consciência se apaga. Considerem-se três pessoas de nível cultural diferente, para darem uma mesma mensagem: cada uma delas transmitirá de acordo com o seu grau de entendimento.

Uma dirá o que não entendeu direito (não tem hábito de dar recado); a outra traduzirá: - “Ele disse mais ou menos assim”, repetindo a mensagem conforme compreendeu; mas a terceira, mais treinada, passará facilmente o conteúdo conforme o recebeu. Então, temos nestes três casos, o médium de transe consciente, semiconsciente e inconsciente.

71. Quando um médium interrompe o exercício mediúnico por muito tempo, como deve proceder para retornar às suas atividades de intercâmbio espiritual?

Pelo começo. Quando nos encontramos em qualquer atividade que interrompemos e desejamos retornar, deveremos submeter-nos a uma nova disciplina, a um novo exercício, porque durante esse período ficamos com as nossas possibilidades e reflexos muito prejudicados. Na mediunidade, porque faltou o exercício, deveremos voltar a fazer parte de um grupo, para sintonizar com todos os membros, após o que voltaremos às atividades mediúnicas na condição de principiantes, até retemperarmos o ânimo e termos condições de sintonia.

72. O que o médium psicofônico consciente deve fazer para distinguir o pensamento que é do Mentor do que é do seu subconsciente?

No fenômeno psicofônico há uma preponderância da personalidade que se comunica. É muito difícil, no começo, saber se está falando de si mesmo ou sob indução. Mas, a ideia é tão dominante que termina por perceber que não é sua. As palavras, sim, serão suas, e vestirão a ideia com vocabulário próprio, mas dar-se-á conta de que aquela ideia não lhe é habitual. Ademais, quando está numa reunião mediúnica e chegam-lhe ideias que não são convencionais, é porque vêm de um agente externo. Cabe-lhe abrir-se e acompanha-las sem interferir.

Por esta razão, a educação mental, através da concentração, nos propicia observar sem pensar. No fenômeno mediúnico o sensitivo é o observador, não é o agente.

73. Até quando uma mulher em gestação pode permanecer atuando em reuniões mediúnicas? É prejudicial ao feto o labor psicofônico exercido pela mãe?

Os processos da reencarnação, assim como os da psicofonia são muito distintos. O primeiro permite ao Espírito vincular-se profundamente ao corpo em formação, nutrindo-se, de algum modo, das energias materiais, que contribuem eficazmente para a organização celular do futuro ser. O segundo ocorre através da imantação, perispírito a perispírto, entre o desencarnado e o médium, sem que isso afete o processo reencarnatório em andamento.

Não obstante, quando se tratar de gravidez com problemas, é justo que de interrompam quaisquer atividades que lhe agravem o desenvolvimento. No transcurso de gestações normais, o inconveniente será sempre de natureza fisiológica, a partir do sétimo mês, mais ou menos, quando a postura se torna desagradável e a exigência de um largo período para a mulher permanecer sentada pode tornar-se cansativo.

Os Benfeitores espirituais, com os quais mantenho contato, informam que os médiuns em gestação podem exercer a faculdade normalmente, sem qualquer dano para a gravidez, evitando, porém, quanto possível, as comunicações violentas, que a mediunidade disciplinada pela Doutrina Espírita sempre sabe conduzir com equilíbrio.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00680

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 76.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

MÉDIUNS

84. Que padrões de qualidade apontaríamos para o médium se autoavaliar?

Se compreendermos que a mediunidade transita da insipiência para a automatização, quando o trabalho do sensitivo se caracterizará pela segurança, facilidade e rapidez de entrarem em contato com os Espíritos para interpretar os seus pensamentos, percebemos que esse trabalho depende fundamentalmente da concentração.

Saber concentrar-se asserenar a mente discursiva, reduzir o fluxo dos pensamentos, interiorizar-se, expandir a aura e encher-se de misericórdia para doar-se, acolhendo nas próprias entranhas a dor dos infelizes ou a doação de amor dos Espíritos nobres a ser repartida entre os necessitados, eis o fanal. Enfermeiro especializado que é, ou mensageiro de esperanças, o médium haverá de compreender a superior importância de promover a disciplina mental e o aquietamento emocional para obter uma boa concentração, de que dependerão os demais parâmetros, tais como a facilidade de estabelecer a comunicação, ou seja: mensagem escorreita, fluindo rapidamente, sem repetições e frases entrecortadas, o que depende de uma boa filtragem; a regularidade no exercício, que confere ao médium uma produtividade aceitável sem aqueles silêncios demorados que caracterizam perda de sintonia, por vários motivos a considerar, uns inerentes ao próprio médium e outros ao meio; diversidade de tipos de Espíritos comunicantes, o contrário da mesmice, deficiência que pode ser um indicativo de uma rigidez de personalidade mediúnica que não dá margens à afinidade perispiritual com Espíritos de temperamentos diferentes, ao do próprio sensitivo ou a um processo de obsessão simples em instalação.

Naturalmente que, em oposição aos aspectos positivos retrocitados como parâmetros aferidores da qualidade mediúnica, estariam os clássicos obstáculos da mediunidade: os conflitos e dúvidas na feição de agentes congeladores da energia mediúnica; a inibição, oriunda de problemas de personalidades mal resolvidos; o animismo nos seus vários aspectos, desde a centração excessiva do médium em si mesmo, projetando fortemente o passado, aos ruídos de comunicação característicos de medianeiro desarmonizado ou excessivamente voltado para outros interesses incompatíveis com as disciplinas que o exercício mediúnico impõe. Por fim, a mistificação do ego, resultante de processos involuntários de exacerbação nervosa que acompanham o sensitivo desgastado ou mal atendido por um doutrinador inexperiente ou mal sintonizado.

Comporta nestes comentários, algumas sugestões para os médiuns, de ordem prática:

1). Aceite o pensamento do Espírito comunicante e deixe que essa ideia o empolgue, para expressá-la com a força de uma convicção. É preciso que o médium aguarde um pouco antes de dar a mensagem para fixar bem a sintonia.

2). Concluída a comunicação, retire o seu conteúdo da memória e nunca faça qualquer tipo de comentário sobre detalhes da ocorrência do fenômeno, a fim de que possa descondicionar-se e, com o tempo, automatizar a sua função.

85. Todos esses aspectos, que são indicadores do desenvolvimento da aptidão mediúnica, serão percebidos pelo médium, sozinho, sem o auxílio de outrem?

Não dizemos propriamente sozinho, mas, por iniciativa pessoal, sim. Cabe-lhe interessar-se por seu desenvolvimento na mediunidade. Isso fará dele um observador atento em relação ao seu próprio e ao trabalho dos outros. E, quando necessário, ele perguntará, buscará opiniões dos mais experientes, conversará com outros médiuns, com os doutrinadores, comparando respostas e informações para formar o seu cabedal de conhecimentos, montar o seu banco de dados. É nesse sentido que o estudo se transformará em oficinas de realizações importantíssimas e eficazes. O médium, assim interessado, atrairá a simpatia e a confiança do dirigente e das pessoas mais aptas, que terão prazer em, espontaneamente, procura-lo para oferecer-lhe orientação e ajuda, porque sabem que encontrarão nele boa-vontade e não o melindre, que é o disfarce mais grosseiro com que se veste o orgulho.

A mola mestra do sucesso é o interesse, a motivação. O médium haverá de se conscientizar de que a mediunidade é para ele uma honra, uma outorga divina que deverá emulá-lo a uma entrega feliz e prazerosa de si mesmo. O mundo precisa de médiuns entusiasmados, interessados em fazer com que a faculdade neles brilhe como um sol, conscientes de que são, na Terra, os legítimos representantes dos Emissários de Jesus, diferentemente daqueles que, diante do convite, se tornam apáticos, envergonhados como se a mediunidade neles não coubesse bem, sendo-lhe um transtorno incômodo e pesado.

Para aqueles que assim positivamente se fazem, a autocrítica não pesa nem constrange, antes se torna um caminho para o aprendizado constante e autoiluminação.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00685

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 84.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

CHOQUE ANÍMICO

92. O que é o choque anímico e como funciona terapeuticamente nas reuniões mediúnicas?

Podemos dizer que toda contribuição energética do médium em transe a favor do Espírito comunicante é choque anímico.

Manoel Philomeno de Miranda, Espírito, em três de suas obras especializadas em desobsessão explica com detalhes o fenômeno. Deixemos que ele responda:

NAS FRONTEIRAS DA LOUCURA (Capítulos: 25 e 26):

Imantado (o Espírito) a um médium educado psiquicamente, se sentia parcialmente tolhido, com os movimentos limitados, e porque utilizando os recursos da mediunidade, recebia, por sua vez, as vibrações do encarnado que, de alguma forma exercia influência sobre ele.

Compreendendo (o dirigente da reunião depois de dialogar com o Espírito) que mais nada poderia ser feito naquela conjuntura e inspirado por Dr. Bezerra, passou a aplicar passes no médium enquanto o Mentor desprendia Ricardo (o Espírito) após o que comenta:

- “A etapa inicial doo nosso trabalho coroa-se de bênçãos... Desejávamos produzir um choque anímico em nosso irmão para colhermos resultados futuros...”.

A partir daquele momento, o Espírito passou a experimentar sensações agradáveis, a que se desacostumara. O mergulho nos fluidos salutares do médium propiciou-lhe uma rápida desintoxicação, modificando-lhe, por um momento embora, a densa psicosfera em que se situava.

O choque anímico decorrente da psicosfera controlada, debilitou-o, fazendo-o adormecer por largo período. Não era, todavia, um sono repousante, senão o desencadear das reminiscências desagradáveis impressas no inconsciente profundo, que ele vitalizava com o descontrole das paixões inferiores exacerbadas. Sonhava, naquele momento, com os acontecimentos passados, ressuscitados os clichês mentais arquivados. Aquele estado, no entanto, fora previsto pelo Mentor, ao conduzi-lo à psicofonia, de modo a produzir-lhe uma catarse inconsciente com vistas à futura liberação psicoterápica que estava programada.

LOUCURA E OBSESSÃO (Capítulo 11):

Da mesma forma que, na terapia do eletrochoque, aplicada a pacientes mentais, os Espíritos que se lhes imantam recebem a carga de eletricidade, deslocando-se com certa violência de seus hospedeiros, aqui aplicamos o choque anímico, através da incorporação (psicofonia atormentada) e colhemos resultados equivalentes. Do mesmo modo que o médium pelo perispírito, absorve as energias dos comunicantes espirituais que, no caso de estarem em sofrimento, perturbação ou desespero, de imediato experimentam melhora... por diminuir-lhe a carga vibratória prejudicial, a recíproca é verdadeira... Trazido o Espírito rebelde ou malfazejo ao fenômeno da incorporação, o perispírito do médium transmite-lhe alta carga fluídica animal que bem comandada, fá-lo quebrar algemas e mudar a maneira de pensar...

Consideramos o médium como um imã e os Espíritos, em determinada faixa vibratória, na condição de limalha de ferro, que lhe sofre a atração, e após se fixarem, permanecem por algum tempo com a imantação de que foram objeto. Do mesmo modo os sofredores, atraídos pela irradiação do médium, absorvem-lhe a energia fluídica, com possibilidade de demorar-se por ela impregnados. Sob essa ação, a teimosia rebelde, a ostensiva maldade e o contínuo ódio diminuem, permitindo que o receio se lhes instale no sentimento, tornando-os maleáveis às orientações e mais acessíveis à condição para o bem. Qual ocorre na Terra, com determinada súcia de poltrões e delinquentes, a ação da polícia inspira-lhes mais respeito do que a honorabilidade de uma personalidade de consideração.

O tratamento (desfazimento de ideoplastia-exuantropia) foi demorado por causa da imposição da monoideia deformante e instilação exterior do ódio. Além do que lhe jazia em gérmen... A desimantação teria que receber uma técnica de choque, através de vibrações dissolventes que atuassem no paciente (Espírito) de dentro para fora, pelo despertar da consciência, e de fora para dentro, desregulando a “construção física” (se refere ao perispírito) da aparência que lhe foi colocada... Agora ele dormirá para o necessário equilíbrio do perispírito.

Quando a Diretora informou que ele (o Espírito que blasonava incorporado ao médium) iria sofrer já o efeito da prisão na qual se achava (o organismo do médium) e cujo corpo não podia manipular, o Espírito, que descarregava suas energias de violência no médium, que as eliminava mediante sudorese viscosa abundante e fluidos escuros em quantidade, começou a sentir-se debilitado. Neste momento, a ação do perispírito do encarnado sobre ele fez-se muito forte e começou a encharca-lo do “fluido animal” que lhe constitui o envoltório...

Essa energia, de constituição mais densa, produzia no comunicante sensações que o angustiavam, como se lhe gerassem asfixia contínua. As forças que lhe eram aplicadas pela Benfeitora e a psicosfera geral incidiam sobre ele de forma desagradável, demonstrando-lhe o limite da própria vontade e a debilidade de meios para prosseguir no alucinado projeto do mal a que se afervorava...

TRILHAS DA LIBERTAÇÃO (Capítulo: A Luta Prossegue):

Na comunicação física (o corpo do médium como veículo) o perispírito do médium encarnado absorve parte dessa energia cristalizada, diminuindo-a no Espírito, e ele, por sua vez, receberá um choque do fluido animal do instrumento, que tem a finalidade de abalar as camadas sucessivas das ideias absorvidas e nele condensadas.

Quando um Espírito de baixo teor mental se comunica, mesmo que não seja convenientemente atendido, o referido choque do fluido animal produz-lhe alteração vibratória melhorando-lhe a condição psíquica e predispondo-o a próximo despertamento. No caso daqueles que tiveram desencarnação violenta – suicidas, assassinados, acidentados, em guerras – por serem portadores de altas doses de energia vital, descarregam parte delas no médium, que as absorve com pesadas cargas de mal estar, de indisposição e até mesmo de pequenos distúrbios para logo eliminá-las, beneficiando o comunicante que se sente melhor... Eis porque a mediunidade dignificada é sempre veículo de amor e caridade, porta de renovação e escada de ascensão para o seu possuidor.

A incorporação, em face da imantação magnética de ambos perispíritos, impede o paciente (Espírito) de fugir ao esclarecimento, nele produzindo uma forma de controle que não pode evitar com facilidade.

93. À luz do que vimos sobre o choque anímico e sabendo-se que este fenômeno representa a contribuição terapêutica do médium de transe, quais os parâmetros de qualidade que podem ser estabelecidos para avaliar a sua eficiência?

Primeiro: a constatação de alívio dos sofrimentos dos Espíritos que sofrem dores (físicas ou morais) e outros que se apresentam depauperados, abatidos. A incorporação para esses funciona à semelhança de um tônico, uma transfusão de sangue como se o médium, no transe, ao receber o Espírito, estivesse a lhe aplicar um passe restaurador de forças.

Segundo: a contenção do Espírito para o diálogo. Alguns sentem prazer nesse diálogo, pois as energias do médium acordam neles impressões boas a que se tinham desacostumado, expandindo sentidos embotados (visão, audição, tato) e em contato com essas impressões deslumbram-se, renovam-se.

Uma variante desse comportamento são aqueles Espíritos que vêm impregnados da ambiência onde se encontravam (hospitais, lares, cenas de acidentes) e em contato com a energia do médium, que lhes acorda os sentidos, percebem que estão na sala mediúnica e quebram a fixação mental que promovia o sofrimento.

Ao contrário, outros desejam se evadir do diálogo incômodo, mal suportando o remédio amargo que lhes vai ajudar. Em ambos os casos a imantação forte que o perispírito do médium exerce sobre o Espírito garante a sua permanência até quando julgado necessário pelos Mentores ou pelo controle consciente do médium.

Um outro importante padrão de qualidade: sensações físicas desagradáveis no Espírito; asfixia, angústia acompanhada de receios, medo, abrandamento de ímpetos violentos, etc. Ocorrências desse tipo são comuns nas comunicações de Espíritos em situação de desrespeito à reunião, revoltados, cínicos e, sobretudo os interessados em prejudicar os equipamentos mediúnicos do sensitivo por retaliação ao fato de estarem sendo trazidos compulsoriamente à comunicação.

As energias densas do perispírito do médium, já quase na faixa da matéria, são acionadas sob o comando sugestivo do Mentor Espiritual ou do doutrinador até encharcar o perispírito do comunicante e abater-lhe o impulso agressivo.

Alguns Espíritos “acovardam-se”, gemem, imploram clemência, porém outros, já na faixa quase da loucura, suportam, até o fim de suas reservas, o choque anímico, saindo da comunicação quase que em estado de desvario, dominados por monoideias, como foram programados para reagir, hipnotizados por Espíritos mais endurecidos do que eles.

Por fim: o retorno do Espírito para um novo diálogo em situação de maior lucidez. Como o choque anímico tem um efeito retardado à semelhança de alguns medicamentos cujos benefícios só aparecem no organismo depois, somente numa sessão posterior o doutrinador pode constatar-lhe os resultados. Algumas vezes, o Espírito sai do contato magnético do médium com a única intenção de voltar ao seu hospedeiro, sua vítima, o que, algumas vezes consegue. Em outros casos o resultado é diferente: como um balão esvaziado, tomba exânime, dorme e sonha; faz uma catarse do inconsciente, ao cabo da qual passa a assumir um comportamento íntimo controvertido e paradoxal: revolta-se contra a interferência, mas, ao mesmo tempo, reflexões novas trazendo argumentos e ideias que lhe alcançaram antes associam-se à constatação do poder de Deus e das forças do Bem, muito superiores às suas e às de seus áulicos. Nesse conflito é trazido para uma nova incorporação mediúnica, um novo choque fluídico ao qual tende a se apresentar mais lúcido, conciliador...

Concluídos estes comentários sobre choque anímico podemos dizer ainda que esta terapia, essencialmente do médium, é a base e o pano de fundo sobre os quais todas as demais, de iniciativa do doutrinador, se estabelecerão. É por essa razão que afirma André Luiz, Espírito, que o médium é o primeiro socorrista (não o primeiro doutrinador como afirmam equivocadamente alguns).

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00478

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 27.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 223, Questão 6, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 244 a 250)

O MÉDIUM COMO INTÉRPRETE

Os Espíritos Superiores definiram sem rodeios: "É o espírito do médium que é o intérprete"! Isto significa dizer que, em todo comunicado, notadamente nos de natureza intelectual, a participação do medianeiro é inevitável.

Em nenhum comunicado do Mais Além, o médium é mera figura decorativa. A sua influência intelecto-moral é decisiva.

Assim sendo, que o médium não supervalorize a questão do animismo e tampouco se deixe afetar pela opinião dos que teorizam em demasia a respeito.

Cabe ao médium filtrar o comunicado, ou seja: adequar o pensamento do espírito às palavras que o traduzam sem distorções comprometedoras.

O médium não é um objeto inanimado. Sendo assim, é natural que haja interferências de sua parte na recepção da mensagem transmitida - interferências, inclusive, que hão de depender de seu estado de espírito quando do momento do transe.

Comparemos o pensamento do espírito comunicante a uma substância líquida - água, por exemplo -, que se amolda ao vasilhame sobre o qual se derrama.

Não importa se a água é servida ao sedento numa caneca de alumínio ou num copo de vidro - ela não pode é deixar de ser água, perdendo as suas propriedades.

Se, por exemplo, a água se transformar em vinagre, deixará de cumprir com a função de dessedentar.

O médium é o recipiente sobre o qual o pensamento do espirito se amoldará, copiando-lhe as mais discretas reentrâncias.

Podemos dizer que, apenas em condições de excepcionalidade, o pensamento do espírito chega aos ouvidos humanos sem esta ou aquela distorção. Por esse motivo, Jesus Cristo dispensou medianeiros para a sua Palavra, preferindo vir Ele mesmo para pronunciá-las e vivenciá-las! Aliás, para o Pensamento de Jesus, não haveria, como não há, médium humano à altura.

Consideremos, ainda, que há interferências negativas e positivas. Médiuns que auxiliam

e médiuns que prejudicam. Médiuns que suprem deficiências e médiuns que deturpam.

Como, pois, não interferir é quase impossível, o melhor instrumento mediúnico é aquele que interfere positivamente. É o que se torna coadjuvante do espírito, concorrendo, de maneira ativa, para o bom êxito do intercâmbio.

Por mais profundo seja o transe, a participação do médium, como instrumento inteligente, nunca é absolutamente nula.

Concluímos, então, sem dificuldade, que o médium necessita estudar, oferecendo ao espírito a maleabilidade intelectual que lhe seja possível.

Convém esclarecer que os espíritos comunicantes, por vezes, principalmente quando mais elevados, dão preferência a um médium com certa deficiência intelectual, mas que, moralmente, corresponda às expectativas. É que o prejuízo intelectual, neste ou naquele comunicado, é mais fácil de reparar do que o prejuízo de ordem moral.

O prejuízo intelectual pode ser reparado com palavras, recorrendo ao dicionário ou até mesmo aos préstimos de um bom revisor, ao passo que o prejuízo moral pode comprometer toda a essência do comunicado.

Mais que o seu grau de cultura geral e conhecimento teórico da Doutrina, os espíritos sérios procuram auscultar a intenção do médium.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00479

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 31.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 223, Questão 8, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 244 a 250)

SINTONIA E AFINIDADE

Quanto maior a afinidade entre o médium e o espírito, maior o entrosamento psíquico que entre os dois se estabelece.

Em mediunidade, sintonia a afinidade não se improvisam.

O médium, para ganhar a simpatia dos Bons Espíritos, carece de provar a eles a sua sinceridade de propósitos.

Os espíritos, de maneira geral, aproximam-se aleatoriamente dos encarnados, mas os espíritos sérios procuram estreitar laços com aqueles que estejam imbuídos dos mesmos sentimentos e intenções.

Quase sempre, a simpatia entre médium e espírito, com finalidade de trabalho construtivo no bem, é anterior à encarnação atual.

A familiaridade entre médium e espírito é de suma importância para que ambos possam servir em regime de confiança recíproca.

Portanto, no transe mediúnico, a combinação fluídica e a homogeneidade das vibrações que ocorrem é consequência de causas mais profundas a envolver os seus protagonistas.

A conexão mediúnica não acontece instantaneamente e nem pode estar sujeita a constantes interrupções.

Podemos dizer que, entre médium e espírito com tarefa a ser desenvolvida, o contato é permanente, sem que, necessariamente, o médium careça de estar em transe.

Aliás, o transe mediúnico mais profundo é o que acontece com características de maior naturalidade possível, sem extravagância.

Nos quadros obsessivos, por consentimento indireto, tem-se a sujeição de uma mente à outra. Na mediunidade evangelizada, o que se tem é uma anuência bilateral, sem imposição de qualquer espécie.

Na obsessão, a insanidade. Na mediunidade, a lucidez.

Na obsessão, muitas vezes, o ódio. Na mediunidade, o amor sempre.

Quando um médium não corresponde à expectativa do espírito, por mais que este lhe tenha afeição, procura outro.

Nesse sentido, é bom lembrar que o médium possui igual direito: se o espírito o contraria em algum aspecto, o médium pode e, mesmo, deve "substituí-lo".

No exercício cotidiano da mediunidade, o médium, por seu esforço e devotamente, aliados ao conhecimento adquirido, promove uma natural seleção dos espíritos com os quais se permite entrar em comunicação.

O espírito mistificador não encontra campo de atuação no psiquismo do médium comprometido com a Verdade. Isso não significa que ele não possa ser assediado - sim, ele o poderá ser, como o Cristo foi tentado no deserto, mas não oferecerá receptividade.

A relação entre espírito e médium, em tudo, é semelhante à relação existente entre duas pessoas encarnadas: sem verdadeira reciprocidade de sentimentos, a amizade não se solidifica.

Mesmo o médium que atua nas sessões de desobsessão, concedendo passividade a espíritos que, por seu intermédio, se manifestam esporadicamente, conta com a supervisão de um instrutor desencarnado que o auxilia na tarefa. Em tais casos, pode, inclusive, ocorrer uma "dupla incorporação", ou seja: o médium alberga em seu psiquismo o espírito comunicante, sob o controle direto da entidade espiritual que esteja a tutelá-lo. Este fenômeno, que também poderemos chamar de *incorporação assistida* (temos ainda a escrita assistida) é mais frequente do que se imagina. Na psicografia de espíritos que redigem cartas aos seus familiares encarnados, o controle, quase sempre, é exercido por espíritos de maior sintonia e afinidade com os médiuns.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00481

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 40.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 223, Questão 10, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 244 a 250)

PASSIVIDADE RELATIVA

Está claro: em mediunidade, a passividade é sempre relativa.

Mesmo nos médiuns chamados mecânicos, ou inconscientes, a sua participação intelectual é inegável.

Portanto, em hipótese alguma, o médium poderá se eximir de responsabilidade, no que tange à qualidade do fenômeno que, por seu intermédio, se produz.

É sua obrigação estudar e aprimorar-se sempre.

Assim como o auxiliar designado instrumenta o cirurgião, o médium é o instrumentador do espírito. Da experiência de um e da perícia de outro, dependem o êxito da intervenção.

Se, por exemplo, o médium sente que o espírito deseja desenvolver um assunto que não seja de seu conhecimento imediato, tem ele a obrigação de pesquisar e de se colocar apto.

Espírito algum supre a ignorância do médium.

Se espíritos de músicos desencarnados se aproximam de determinado médium, com o intuito de proclamar a realidade da sobrevivência por meio de sua arte, o médium, se nada conhece a respeito do assunto, deve procurar estudá-lo.

O mesmo ocorre no campo da poesia, da pintura, enfim, nos diversos setores da atividade humana.

Os Espíritos, respondendo a Kardec, admitiram a existência de passividade apenas quando o médium não mistura, ou seja, não deturpa as ideias que o espírito comunicante deseja transmitir por seu intermédio.

Então se deduz: passividade mediúnica é identificação plena, envolvendo pensamentos, sentimentos e objetivos - espírito e médium devem estar animados pela mesma intenção.

Em mediunidade, igualmente se aplica a lei: "semelhante atrai semelhante"!

Existem médiuns que, por interesses pessoais, truncam o pensamento dos espíritos, que, ao constatarem o fato, logo os abandonam.

Por outro lado, há médiuns que "consertam" o pensamento dos espíritos - os espíritos entram com a ideia um tanto obtusa, e eles entram com a sua forma mais clara de apresentação.

O médium é como se fosse um tradutor de idiomas. Determinados tradutores podem imprimir à palavra pronunciada ou escrita um sentido que não era a intenção de seu autor lhe conferir.

Consoantes circunstâncias e interesses em pauta, uma simples imagem dá azo a múltiplas intepretações.

Não há um só comunicado de além túmulo cujo autor desencarnado, se pudesse, não faria este ou aquele reparo.

O próprio médium, com o passar do tempo e a aquisição de maior experiência, filtraria diferente agora o que filtrou no passado.

É que médiuns e espíritos evoluem, modificando, a cada dia, o seu pensamento e modo de expressão.

Nenhum médium, como nenhum espírito, é infalível.

A mediunidade na Terra funciona sob as limitações pertinentes aos seus protagonistas.

Medianeiro Perfeito, só Jesus Cristo o foi entre os homens!

Compreendendo semelhantes verdades, Paulo, inspiradamente, grafou, em sua I Carta aos Coríntios, capítulo 14, versículo 32: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas".

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00484

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 53.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 223, Questão 17, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 244 a 250)

O MÉDIUM COMO OBSTÁCULO

No capítulo XIX de "O Livro dos Médiuns", que presentemente estudamos, os Espíritos se referem, diversas vezes, ao médium como obstáculo ao intercâmbio entre as duas dimensões.

Curioso, porque, justamente o instrumento que deveria facilitar tal contato – o médium -, de repente, se transforma em empecilho quase intransponível.

E vale ressaltar que os Espíritos, no capítulo em análise, não estão se referindo ao médium como obstáculo moral, e, sim, material.

Em que circunstâncias, pois, os médiuns seriam "dificuldade mecânica" à livre manifestação dos espíritos por seu intermédio?

Imaginemos um professor ditando palavras a um aluno que ainda não aprendeu a escrevê-las perfeitamente. Mesmo que o professor se disponha a lhe guiar a mão na escrita, a dificuldade, por exemplo, para se redigir um texto mais ou menos longo será enorme.

Consideremos ainda alguém tentando falar num idioma estrangeiro a uma pessoa que mal se expressa em Português. No máximo, inclusive recorrendo ao auxílio da mímica, conseguirá apenas rudimentos de entendimento.

Por que os Espíritos abandonaram a cestinha de vime, por meio da qual escreviam em tantas interferências intelectuais do medianeiro, permutando-a pela psicografia?

Embora soubessem que a escrita psicográfica lhes criaria outra espécie de embaraço, os Espíritos a preferiram às mesas que giravam e às cestas de vime, porque a logística do contato era demasiadamente morosa e estafante.

O embaraço material a ser superado pelo espírito comunicante está diretamente relacionado a causas de natureza intelectual e biológica.

Senão, vejamos. Por que os médiuns psicofônicos, através dos quais os espíritos trabalham com a palavra articulada, são mais numerosos que os psicógrafos? A resposta é óbvia. É que o domínio da escrita pelo cérebro humano é muito mais recente do que a faculdade de verbalizar a palavra. Os órgãos da fonação estão mais adestrados que os reflexos motores que possibilitam ao homem escrever o que pensa. É mais fácil falar do que escrever!

Atentemo-nos para quanto os médiuns carecem de se preparar, a fim de que se façam instrumentos mais ou menos maleáveis para os espíritos que lhes buscam o concurso.

Além da necessidade de se evangelizarem, para que não se tornem obstáculos de ordem moral, carecem de adestramento intelectual e, por que não dizer físico?

O espírito que procura um médium para a concepção de telas mediúnicas espera que, no mínimo, ele saiba manejar a paleta e fazer a diferenciação das cores.

Outro que, porventura, deseja se expressar no idioma do Codificador, objetivando fins particulares que, agora, não nos cabe apreciar, permanece na expectativa de que o médium, pelo menos, o favoreça com conhecimento básico do Francês.

Não apenas o moral e o intelecto constituem impedimentos para os espíritos que desejam contatar os encarnados – mas o corpo também!

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00485

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 57.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 223, Questão 19, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 244 a 250)

MÉDIUM DE TAREFA

O médium com o qual os espíritos contam, para a realização de determinada tarefa, não é aquele que se dedica esporadicamente ao exercício de suas faculdades.

O médium indisciplinado, que não estuda e tampouco persevera, esmerando-se o cultivo diuturno de suas possibilidades mediúnicas, procurando ampliá-las, não deve esperar que a Espiritualidade Superior assuma compromisso sério com ele.

Sabemos que são muitos os impedimentos que o médium faceia no cumprimento do dever, mas, por outro lado, não ignoramos a falta de empenho daqueles que se amolentam ante os percalços.

Mediunidade, que se traduz por oportunidade de ascese espiritual, não é caminho atapetado de flores para ninguém.

Os homens, de maneira geral, não levam em consideração as dificuldades que os desencarnados enfrentam para estabelecer um contato regular com os que se encontram nas lides da experiência física. A ideia que temos é que muitos, equivocadamente, nos supõem desocupados neste Outro Lado, prontos a atendê-los, ao mais leve estalar de dedos.

Parceria mediúnica produtiva se alicerça no esforço recíproco entre encarnado e desencarnado.

Os Espíritos da Codificação foram claros e incisivos que, "para comunicações de certa ordem", a preferência recaia sobre os médiuns que inspiram maior confiança.

Quantos médiuns inconstantes queixando-se de escassa colheita na seara em que não transpiram!

Quantos outros a cumularem de exigências descabidas o Plano Espiritual, sem que quase nada façam para que tenham direito ao que reivindicam!

O maior obstáculo material, com que o espírito comunicante se depara, é justamente o - não comparecimento do médium às sessões mediúnicas que frequenta.

Um exímio pianista, se, mesmo por motivo justificado, se sente compelido a determinado período de afastamento das teclas do piano, praticamente terá que recomeçar como se não fosse mais que um principiante.

Um ator que, por esta ou aquela causa, passe longo tempo fora do palco, ao voltar a representar, experimentará os titubeios de quem ainda não aprendeu a se movimentar em cena.

Constantes interrupções na sintonia mediúnica acarretam prejuízos de vulto para o exercício da mediunidade.

Experimente, por exemplo, o jardineiro deixar de regar o jardim que espera ver florido na primavera.

Médium que, numa semana, é médium e, na outra, não o é, assemelha-se a quem quer aprender a escrever ignorando determinadas letras do alfabeto!

Enquanto a mediunidade não for levada com a seriedade que requer que dela, no máximo, se poderá colher serão frutos sazonais.

Aqui se aplica a lição da Parábola da Figueira Seca, à qual Jesus recorreu para ensinar que o discípulo sincero da Boa Nova deve estar sempre pronto para servir quando for chamado e não apenas quando lhe convier.

É devido à sua inconstância e irregularidade, ou seja, à sua falta de compromisso com a Espiritualidade Superior, que os médiuns se mostram instrumentos improdutivos. Não se trata de deficiência da faculdade que possuem nem de ausência da indispensável cobertura espiritual que eles vivem a reclamar, mas de franco comodismo e desinteresse de sua parte.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00486

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 61.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 223, Questão 21, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 244 a 250)

TIPO DE MEDIUNIDADE

A aptidão mediúnica se revela em cada médium de acordo com a sua capacidade de captar e expressar o pensamento dos espíritos.

A rigor, ninguém pode dizer ao médium que ele seja portador desta ou daquela faculdade.

Às vezes, por exemplo, ele começa como psicógrafo e, depois, se define como psicofônico, ou vice-versa.

O medianeiro não deve cultivar preferência por este ou aquele tipo de mediunidade, fugindo às suas características naturais.

Em essência, a base das faculdades mediúnicas de efeitos intelectuais é a mesma, não diferindo substancialmente uma da outra.

Mediunidade é pensamento a pensamento.

Quem enxerga ou escuta os espíritos, os escuta ou enxerga através do pensamento.

Os espíritos poetas procurarão um medianeiro que tenha facilidade no campo da poesia.

Os espíritos pintores escolherão um sensitivo que possua predisposição para a arte da pintura.

Raros são os médiuns que, possuindo múltiplas faculdades, conseguem atuar em todas elas. A faculdade mediúnica predominante absorverá as demais, que, assim, passarão a concorrer pela melhor produtividade da que se destaca.

A insatisfação do médium com a faculdade de que seja portador, desejando outra que não possui ou, ainda, ambicionando a que determinado medianeiro exerce, praticamente o anula para a execução da tarefa que esteja ao alcance de suas possibilidades.

Infelizmente, muitos médiuns, dotados de excelentes recursos medianímicos, digamos, menos dados à publicidade, complicam-se por não se contentarem com os discretos, porém úteis talentos que lhes foram confiados.

Mediunidade mais ampla é sinônimo de sensibilidade que se amplia.

Não nos esqueçamos de que a faculdade que Jesus mais exercia em seu ministério divino era a da cura! Ele ressuscitava os mortos, fazia andar os paralíticos, devolvia a visão aos cegos, curava obsedados, por meio da simples imposição das mãos.

O Senhor endossava com as mãos a excelência da Mensagem que verbalizava.

A importância, pois, do médium em serviço não está na espécie da faculdade mediúnica que exerça, e, sim, nos frutos que advenham de seus esforços.

Discreto dom mediúnico trabalhado com amor vale mais, para a Doutrina, que a mais expressiva faculdade exercida com vaidade e personalismo.

Ansiando por incorporar espíritos, poucos são os que se lembram de incorporar as lições de Jesus no cotidiano, transformando-se em exemplos vivos do Evangelho.

Querendo psicografar livros, raros os que se dispõem a grafar, com a própria vida, as noções que despertam as consciências secularmente adormecidas.

Médiuns de espíritos se multiplicam em toda parte, todavia médiuns do Cristo no mundo continuam sendo muito poucos. E são justamente estes últimos os detentores das mais preciosas e nobres faculdades postas a serviço da crença na Imortalidade entre os homens na Terra!

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00489

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 74.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 224, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 250 a 252)

PARCERIA CONSCIENTE E RESPONSÁVEL

O médium não deve ter o menor escrúpulo em submeter os comunicados que recebe à revisão doutrinária e gramatical.

O espírito comunicante se preocupa, acima de tudo, com a essência e não com a forma, que, até certo ponto, pode ser modificada para maior clareza e compreensão do texto.

A orientação de Kardec, neste sentido, evidentemente se aplica mais às publicações impressas, sejam em panfletos ou livros. No entanto, depreende-se de suas considerações, que o médium deve ser a sentinela de suas próprias faculdades, exercendo parceria consciente e responsável com os espíritos que se comunicam por seu intermédio.

É tarefa do médium "revestir o pensamento do espírito" com as palavras que considere mais adequadas à assimilação de seu conteúdo. Se não se considerar apto a tanto, não haverá problema algum em recorrer a capacitado revisor.

Um comunicado do Mais Além não é de todo repreensível no que tange, principalmente, à forma.

Existem, por exemplo, médiuns e espíritos prolixos, tornando o entendimento do texto que produzem mais difícil e confuso.

Outros, ainda, truncam o pensamento, valendo-se de termos que, quem os lê, necessita estar sempre recorrendo aos préstimos de um bom dicionário.

Espírito e médium necessitam primar pela clareza e objetividade na veiculação do pensamento.

Palavras excessivamente eruditas não caracterizam um comunicado elevado. Inclusive, pode se tratar de uma tática de mistificação - o espírito tentando impressionar os leitores pelo emprego de termos complexos, demonstrando falsa cultura e conhecimento doutrinário.

O médium carece aprender a interpretar o que vê, o que ouve, o que fala, o que escreve e o que sente.

Não tem mesmo importância alguma que, deste ou daquele comunicado, se extraia apenas o conteúdo, descartando o excesso de palavreado, evitando-se a edição de livros excessivamente volumosos que, além de encarecê-los, os torna inacessíveis à leitura da maioria.

Não é verdadeira a ideia de que, por exemplo, num texto psicografado, o seu autor espiritual o escreva, palavra a palavra, como um professor submetendo a ditado o aluno de série primária.

Coube a Allan Kardec, no que os Espíritos produziam escrevendo por meio da cesta de vime, valendo-se principalmente das faculdades mediúnicas das irmãs Baudin e da Srta. Japhet, acrescentar os sinais ortográficos de praxe, já que os textos assim obtidos se destituíam até de parágrafo e ponto final.

Em um comunicado mediúnico, o que não deve ser alterado, sob pena de distorção irreparável, é o teor do pensamento do espírito. O médium não tem o direito de se prevalecer das ideias do espírito comunicante para nelas incutir as suas ideias pessoais. Por esse motivo, ao grafar uma página do Mais Além, o médium carece de se apresentar de maneira tão isenta quanto possível, ou seja, procurando anular-se psicológica e emocionalmente, pois, caso contrário, interferirá na sua qualidade.

Conhecemos médiuns que colocam mais palavras na boca dos espíritos do que as ideias que estes conseguem lhes inspirar.

Em suma: em mediunidade, o bom senso é indispensável, porque a responsabilidade maior pela comunicação obtida, em regime de coautoria, sempre pertencerá ao médium.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00490

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 79.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XIX – Item 225, Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 252 a 256)

O MÉDIUM IDEAL

É inegável que, do ponto de vista intelectual, os espíritos prefiram como médiuns aqueles que lhes possam atender às expectativas para o que pretendem transmitir. Porém, entre um instrumento intelectualmente bem equipado, mas destituído de coração e outro com nítidas limitações intelectuais todavia rico de sentimentos, escolhem o segundo.

Estamos, é óbvio, nos referindo aos espíritos que dão mais importância à essência moral de suas palavras do que a transmissão de meras informações de além-túmulo.

Os Evangelistas que registraram as lições de Jesus, com exceção de Lucas, que era médico e detentor de vasta cultura para a época, eram pessoas de parcos conhecimentos. Por esse motivo, o Evangelho foi escrito mais direcionado ao coração que à inteligência dos homens, como, aliás, carecia de ser, pois a necessidade humana mais premente é melhorar os próprios sentimentos.

O Cristo veio ao mundo para edificar o Reino Divino a partir do coração das criaturas e não propriamente de seu cérebro.

É preferível um médium que ama a outro que apenas conhece.

Sempre há grande risco de os médiuns cultos se elitizarem, distanciando do povo a palavra do Consolador.

Não estamos com isso, promovendo a apologia da ignorância; não obstante, não nos interessaria, na condição de instrumento, um médium insensível às necessidades de seus semelhantes.

A Mensagem Espírita não deve se intelectualizar excessivamente, olvidando que a carência básica da criatura é de conforto espiritual e de encorajamento diante das lutas que faceia.

O melhor médium é o que atenda os Espíritos Superiores, tanto no que diz respeito ao intelecto quanto ao sentimento.

Chico Xavier era a síntese do médium ideal, porque o sabia ser pela inteligência e pelo coração!

Se os médiuns que se isolam com suas produções mediúnicas se dispusessem a frequentar as casas espíritas e participar com os demais companheiros das diversas frentes de batalha pela vitória definitiva da Luz, as Trevas não se mostrariam tão ameaçadoras às tarefas incipientes da Doutrina.

O problema é que, sem perceber, diversos medianeiros vão "fazendo escola", influenciando outros com as suas atitudes elitistas, criando uma espécie de casta não comprometida com a Causa senão do ponto de vista teórico.

O Espiritismo, na revivescência do Cristianismo, está necessitando de médiuns que não apenas empunhem a caneta ou elevem a voz das tribunas, mas também arregacem as mangas.

De que vale ser dócil e prestativo instrumento dos espíritos desencarnados, mantendo-se à distância dos encarnados? Que diríamos da fonte que se recusasse a correr pela gleba árida ou da luz que se desviasse do escuro das cavernas onde é chamada a se projetar?

Mediunidade não é flor de adorno para os que a possuem nem distintivo que se exibe ao peito, sem mérito correspondente. É chamamento ao trabalho ativo e perseverante, sendo que o médium que não o atende escolhe permanecer na companhia dos espíritos que fazem ouvidos moucos aos apelos do Cristo.

Por esse motivo, convém que, de quando em quando, o médium indague de si mesmo o que anda fazendo com os talentos mediúnicos que lhe foram confiados pelo Alto, porque tempo chegará no qual igualmente deles será chamado a prestar contas ao severo tribunal da consciência.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00494

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 97.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XX – Item 226, Questão 5 - Influência Moral do Médium - Questões Diversas – Dissertação de um Espírito Sobre a Influência Moral (Livro dos Médiuns, página 257 a 261)

A IMPORTÂNCIA DO MÉDIUM

Os Espíritos Superiores não perdem oportunidade de vacinar-nos contra a vaidade e o personalismo, a que, de maneira geral, em nossa atual condição evolutiva, estamos expostos.

A faculdade mediúnica, para contato com o Mais Além, é indispensável, todavia, como instrumento, o médium não o é.

Seria interessante, pois, que todo médium tomasse consciência de que é ele que necessita de trabalhar na mediunidade e não propriamente a mediunidade que depende de seu trabalho.

Médiuns enxameiam em toda parte, dentro e fora da Doutrina Espírita.

Os espíritos podem suscitar médiuns no seio de todas as raças e de todos os credos religiosos, qual, aliás, já o fizeram desde sempre.

O médium espírita deve perder a pose de iniciado que, por vezes, adota, e render graças aos Céus pelo privilégio de ser admitido a serviço da Causa do Evangelho Redivivo, na condição de último dentre os últimos de seus servidores.

Ele não é um ser especial, dotado de recursos que a outros foram negados, e as faculdades de que se faz portador não falam da real estatura de seu espírito.

O Mundo Espiritual inferior também conta com os seus intérpretes na Terra.

Jesus Cristo nos advertiu quanto aos que, encarnados ou desencarnados, se fazem passar por fiéis mensageiros do Alto: "Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos rapaces".

No capítulo XXI, de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", escreveu Erasto com precisão: "... os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus."

Médiuns existem que, com discrição e perspicácia, vivem fazendo insinuações em torno da missão que, supostamente, foram designados a cumprir entre os homens - provocam elogios a si e, quando se apequenam, é somente com a intenção de que, de imediato, sejam exaltados pelos bajuladores que manipulam.

Com raras exceções, os médiuns, notadamente os que mais se projetam no cenário da Doutrina, são altamente compromissados ante a Lei de Causa e Efeito, espíritos que, no passado remoto ou recente, faliram em suas atribuições no campo da fé.

Outros muitos, pertencentes a ambos os sexos, tombaram nas lutas da afetividade, que lhes deixaram profundas e quase visíveis marcas no espírito ainda a se debater nos conflitos psicológicos de variada ordem.

Que o médium espírita se permita apenas a alegria íntima que lhe advenha do cumprimento do dever, por meio do qual irá resgatando, de maneira parcelada, o montante dos débitos contraídos outrora.

E lute com todas as forças disponíveis para que, hoje em ação na mediunidade, não se lhe agrave no presente a situação de espírito devedor, prevalecendo-se do magnetismo de sua condição para continuar envolvendo emocionalmente pessoas incautas e sem discernimento.

E jamais confira a si qualquer importância ou se considere imprescindível na tarefa em que outro médium, com certeza, será chamado a substituí-lo com vantagem.

O bom médium está se tornando cada vez mais comum, mas o médium bom ainda é raridade.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00498

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 114.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XXI – Item 231 - Influência do Meio (Livro dos Médiuns, página 263 a 266)

INFLUÊNCIA DO MEIO

Os médiuns são sensíveis ao pensamento dos desencarnados e dos encarnados.

Toda faculdade mediúnica, pois, é de natureza anímica.

Contudo mais sensíveis que ao pensamento dos encarnados, os médiuns o são de suas emoções.

Consciente ou inconscientemente, o encarnado pode interferir na recepção de uma mensagem mediúnica. E, mais que interferir, pode influenciar no seu conteúdo.

O médium é uma espécie de aparelho de ausculta do meio em que se encontra. Daí os comunicados que recebe, sempre refletem temas da realidade que vivencia.

Com o médium, acoplado, por assim dizer, ao seu psiquismo, o espírito comunicante, até certo ponto, igualmente se permite sugestionar pela situação existencial da qual, de maneira indireta, está participando.

A influência do meio, portanto, não é apenas de caráter vibracional.

É praticamente impossível que o médium se isole, de maneira absoluta, do contexto psicológico e emocional em que vive. Ele recebe n influências que terminam por refletir-se no comunicado de que se faz intérprete.

O espírito, nada mais sendo que homem fora do corpo, também não consegue se furtar às interferências do meio em que respira.

Então têm-se: o médium com as influências dos encarnados, somadas às do espírito; o espírito com as influências dos desencarnados, somadas às do médium...

Dessa operação mediúnica e anímica resulta a comunicação.

O melhor instrumento mediúnico é o que se mantém mais bem informado sobre o que se passa no ambiente físico e extrafísico, em torno. O espírito mais apto a comunicar-se com proveito é o que se mantém atualizado quanto ao que se desdobra dos Dois Lados da Vida, concomitantemente.

O médium é o médium do espírito, do espírito é o médium do médium. Um lhe fornece dados do Mundo Material; outro o coloca a par das coisas do Mundo Espiritual...

Médium e espírito, não podendo, assim, dela se livrar, carecem aprender a utilizar positivamente a influência do meio. Chico Xavier dizia que Emmanuel, o Mentor que lhe coordenava as atividades mediúnicas, escolhia o tema de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" para estudo nas reuniões públicas, efetuando a média das necessidades das pessoas que a elas compareciam.

Se o médium fugir ao convívio social ele nunca será um bom termômetro para os espíritos. Mas, quando se trata da produção de um trabalho mais consistente, notadamente no campo da Literatura, o médium necessita de recolhimento.

Os livros de narrativa continuada, por exemplo, eram recebidos por Chico Xavier no aconchego do lar. No ambiente doméstico, as influências externas sobre o psiquismo do médium costumam ser menores, permitindo ao espírito trabalhar com maior independência. As mensagens avulsas, porém, eram por ele psicografadas na ausculta direta das carências ao redor. Os encarnados que compareciam às inesquecíveis reuniões carreavam consigo as influências do mundo lá fora, sendo, naquele instante, "medianeiros" da Humanidade, que representavam com as suas dores e anseios.

Sob essa óptica, a ideia de parceria, em mediunidade, se amplia consideravelmente.

Médium e espírito são antenas, voltadas um para o outro quanto para a Humanidade visível e a invisível, a se retratarem.

Dentro desta engrenagem psíquica, que a confiança mútua se põe a lubrificar, a menor dúvida é semelhante à intromissão de uma pedra que danifica e compromete o seu funcionamento.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00507

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 169.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XVI – Item 196 – Médiuns Especiais – Aptidões Especiais dos Médiuns – Quadro Sinótico das Diferentes Variedades de Médiuns (Livro dos Médiuns, página 217 a 219)

MÉDIUNS QUE FALAM DE SI

Nada há de mais ridículo do que o médium que, falando excessivamente de si, se coloca no foco das atenções e está sempre provocando o próprio elogio.

O médium sério, comprometido com a Causa, é modesto e, em tudo o que faz, procura se apagar, transferindo todo mérito do trabalho à ação dos Bons Espíritos.

O médium cônscio de suas limitações jamais exalta a própria figura, não permitindo transformar-se em objeto de idolatria.

Existem muitos médiuns que, infelizmente, se valem de suas faculdades para se promoverem pessoalmente; quando, porventura, chamados a falar sobre a Doutrina, acabam falando de si mesmos...

Extremamente narcisistas, perdem o discernimento e se tornam joguetes dos espíritos que lhes exploram a vaidade e o personalismo.

Todo médium deve saber que a mediunidade, em si, não o torna uma pessoa diferente do que é.

Infelizmente, muitos médiuns se dão uma importância que não têm e, com suas atitudes, veladas ou ostensivas, reivindicam privilégios. São companheiros que se melindram com facilidade, quando as suas exigências não são atendidas.

É muito comum o médium atribuir a este ou àquele espírito as palavras que apenas expressam os seus pensamentos, assim agindo para lhes conferir maior autoridade e justificar as exigências, por vezes, absurdas que fazem aos outros.

O médium, que quer ser mais médium que é, termina não sendo nem mesmo o médium que poderia ser.

Infelizmente, muitos medianeiros têm se perdido pela vaidade exacerbada, transformando a Doutrina num balcão de interesses subalternos.

De muitas maneiras, o médium pode não dar de graça o que, de graça, recebe... A mais comum não é a que envolve transações de caráter financeiro, mas, sim, permuta de favores.

Que o médium tome redobrado cuidado, ao se sentir compelido a narrar experiências que lhe dizem respeito no trato com os espíritos, no que é sempre preferível omitir trechos que o coloquem em destaque.

Mediunidade exercida sem discrição é um libelo contra si mesma.

Lucas, em Atos dos Apóstolos, capítulo 14, versículos 11 a 15, descreve a experiência de Paulo e Barnabé, quando ambos se encontravam anunciando a Boa Nova na cidade de Listra. Saudados como deuses, os apóstolos, "rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando: Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos..."

O médium que não se despir da túnica de seda da vaidade para envergar a burel da simplicidade, não conseguirá levar a bom termo a sua empreitada.

Chico Xavier, o maior exemplo contemporâneo da mediunidade posta a serviço do Evangelho, entre os homens, não cansava de se comparar a um cisco... "Quem sou eu - outras vezes, dizia -, senão uma formiguinha, e das menores, que anda

pela Terra cumprindo a sua obrigação!".

Todo médium que, por sua própria palavra, busca se colocar em evidência camufla a verdadeira intenção que o move, e convém que se o coloque sob observação mais cautelosa.

O que deve efetuar a propaganda do medianeiro, dizendo de seu valor, é o trabalho que os Bons Espíritos consigam, em silêncio, realizar por seu intermédio.

Porque, também e principalmente, na mediunidade, "todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado".

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00516

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 211.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XXIV – Item 267 – Parágrafo 11 – Identidade dos Espíritos – Provas Possíveis de Identidade – Distinção dos Bons e dos Maus Espíritos – Perguntas Sobre a Natureza e a Identidade dos Espíritos (Livro dos Médiuns, página 304)

MEDIUNIDADE E ELOGIO

O médium e quem se mantém em contato mais estreito com ele carecem de se manter vigilantes contra o elogio, tanto partindo dos amigos ao médium quanto do médium aos amigos.

O elogio é uma força inebriante, que pode entorpecer os sentidos de quem não se precaver.

O elogio vulgar é o oposto da palavra de estímulo às boas obras.

Como disse Kardec, os Bons Espíritos incentivam, mas não elogiam - nem as pessoas às quais se dirigem e muito menos o médium do qual se servem como instrumento.

Chico Xavier rejeitava todo e qualquer elogio que lhe fosse feito, porque sabia o perigo que representava para ele, e insistia na sua condição de "cisco" justamente por isso.

Existem médiuns e espíritos envolventes que, através da força da bajulação, discreta ou ostensivamente, intentam dominar as pessoas para tirar proveito da situação.

É uma técnica de fascínio, de quase hipnose, que poucos conseguem detectar, devido à sutileza com que é aplicada às vítimas.

Convém, pois, sempre desconfiar, principalmente quando: - através do próprio médium, o espírito o elogia; - o espírito, de maneira constante, elogia este ou aquele dos que estão mais próximos do médium; - o próprio médium elogia ou provoca elogios a si; - o médium efetua elogios a companheiros, notadamente aos que, de uma maneira ou outra, possam beneficiá-lo; - o médium, ainda, elogia o espírito que se manifesta por intermédio de suas faculdades...

O elogio, em quem não se encontra devidamente imunizado, provoca a supressão total do discernimento.

Para se vacinar contra semelhante mal, o médium carece de ser o mais sincero possível consigo, reconhecendo as imperfeições e mazelas que carrega.

Em muitos médiuns, a vaidade e o personalismo se assemelham a brasas semiapagadas e encobertas de cinza, que o mais leve sopro das trevas pode avivar, trazendo de volta as labaredas...

Não convém ao médium se conceder trégua alguma, no que tange à luta diuturna pela conquista da humildade.

Após o tóxico de o elogio ser inoculado em alguém, é muito difícil fazer com que ele torne à realidade e admita o equívoco. Na maioria das vezes, ele não se recupera de todo, arcando com as sequelas decorrentes da intoxicação...

É raro o médium que cai admita ter caído e se disponha a recomeçar!

O médium que reconhece ter se desviado em determinado trecho de caminho, mostrando-se disposto a voltar atrás e reiniciar a jornada, é credor de nosso melhor apreço e consideração.

Os Espíritos Amigos jamais recusam novo voto de confiança ao médium que esteja, sinceramente, empenhado em acertar.

Sintetizando: o elogio é algo tão perigoso, que o médium não deve hesitar em combater em si a menor ideia sugerindo-lhe qualquer espécie de destaque pessoal!

Neste sentido, é preferível errar por excesso de zelo que por omissão. E, mais que zelar pela tarefa que lhe foi confiada, trata-se de zelar pela própria sanidade mental! Porque, em muitos espíritos, o fascínio, em forma de elogio, subtrai o bom senso por várias encarnações.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00517

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 211.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XXIII – Item 254 – Questão 2– Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de combatê-las (Livro dos Médiuns, página 290 e 291)

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO

Em muitos sensitivos, infelizmente, há mais obsessão na mediunidade que mediunidade

na obsessão.

O maior entrave ao contato com o Mais Além não está na faculdade mediúnica propriamente dita, mas na intenção do medianeiro.

Os Espíritos Amigos sempre encontram recursos para superar as limitações do médium

como instrumento, todavia não logram fazê-lo quando o problema é de ordem moral.

Por esse motivo, tais Espíritos preferem insistir com um médium portador de certas deficiências como intérprete a perseverar ao lado daquele que, dotado de bela faculdade, não corresponde, no que tange ao desinteresse e à vaidade.

Embora limitado, o medianeiro de boa vontade, que persevera na intenção do bem, alimentando o desejo de ser útil à Causa e ao próximo, aos poucos, coadjuvado pelos espíritos, consegue superar-se e surpreender os que dele nada esperam.

Toda e qualquer faculdade mediúnica não se aprimora apenas quando o médium se encontra em estado de vigília. Durante o repouso, enquanto o corpo se refaz dos embates nas lides cotidianas, o espírito do médium pode se desdobrar e, no Mais Além, receber instruções que lhe ampliam as possibilidades psíquicas.

É mesmo muito comum que os médiuns, em estado de desdobramento, se exercitem, mediunicamente, neste Outro Lado.

Quantos médiuns, por exemplo, não "sonham" estar concedendo passividade, na condição de espírito parcialmente liberto do corpo? Quantos outros, que são psicógrafos, treinam a psicografia no Mundo Espiritual, aprendendo a trabalhar a sintonia?

Muitos médiuns, caindo em transe durante o chamado sono, recebem inspirações que, ao despertarem, passam a colocá-las em prática... O transe mediúnico pode ser de longa duração, de modo que a mente do médium permaneça sugestionada pela mente do espírito que, no momento oportuno, saberá acioná-la.

Por que na mediunidade assim não poderia ser, se o é nos casos de obsessão?

A rigor, obsessão e mediunidade são poios opostos de uma situação quase semelhante. Senão, vejamos. Kardec conceituou obsessão como sendo "o império que alguns espíritos sabem exercer sobre certas pessoas"... Já quando procurou definir o médium, escreveu que é "toda pessoa que sente num grau qualquer a influência dos espíritos". A diferença é que, na obsessão, esta influência é nociva.

Obsessão também é mediunidade, mas mediunidade não é obsessão.

Todavia os espíritos esclarecidos que, de hábito, se comunicam por este ou aquele médium, podem induzi-lo ao transe dentro de um leque de possibilidades bastante amplo.

O transe mediúnico não se dá apenas como o fenômeno de alguém que aciona o interruptor e acende a luz... Mesmo porque, para que a luz se acenda, a energia há de estar ali, na ponta do fio!

A facilidade de certos médiuns estabelecerem contato com os desencarnados, principalmente para a recepção de mensagens edificantes, ocorre porque, em verdade, eles permanecem o tempo todo de prontidão.

O médium é a figueira, da narrativa evangélica, convidado a estar apto a produzir, mesmo "não sendo época de figos"...

Se os espíritos estão sempre preparados para os médiuns, por que os médiuns não teriam a obrigação de estar sempre preparados para os espíritos?

A verdadeira mediunidade não deve ser uma faculdade de intermitência, posta para funcionar quando o médium deseja ou lhe convém.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00521

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 232.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XVII – Item 200 – Parágrafo 1º – Formação dos Médiuns – Desenvolvimento da Mediunidade – Mudança de Caligrafia – Perda e Suspensão da Mediunidade (Livro dos Médiuns, página 222 e 223)

DIAGNÓSTICO

Embora todos os homens sejam mais ou menos médiuns - porque portadores de semelhante percepção em estado latente -, é indispensável ter a máxima cautela ao indicar alguém ao desenvolvimento mediúnico.

Os sintomas que se apontam como indícios de mediunidade podem ser sinais de patologia a ser esclarecida.

Em muitos casos, o exercício da mediunidade para este ou aquele portador de determinado desequilíbrio psíquico é fator agravante de seu quadro.

Em mediunidade, os sinais de natureza física, quando surgem, carecem, gradativamente, de se desfazerem.

O medianeiro há de aprender a se conter, não consentindo que a manifestação mediúnica extrapole o âmbito da mente.

Evidente que discreta alteração de ordem orgânica pode acontecer, durante o transe, com repercussões físicas características; no entanto, excessivo constrangimento físico pode e deve ser evitado, com o médium procurando impor-se sobre eles de maneira serena.

Para que, por exemplo, a faculdade mediúnica da escrita se manifeste em alguém, não há necessidade de que o psicógrafo experimente outra sensação que não seja o desejo de escrever. Assim mesmo, a fim de que não se mostre inconveniente, esse desejo há de ser controlado pelo medianeiro.

A faculdade mediúnica fora de controle é obsessão e não propriamente mediunidade.

O espírito apenas deve manifestar-se com a anuência do instrumento mediúnico.

O médium, pois, que não consegue dominar-se, entregando-se ao transe fora do ambiente e das condições propícias para tanto, necessita, primeiro, equilibrar a si mesmo, submetendo-se a tratamento na casa espírita.

Sob nenhum pretexto - o medianeiro deve consentir que o espírito se manifeste por seu intermédio, subjugando-lhe a vontade e expondo-o ao ridículo.

A agitação que costuma ser característica do médium indisciplinado em transe, pela excessiva e, por vezes, até agressiva gesticulação, respiração ofegante e contorções físicas inadequadas e desnecessárias, carece de ser coibida, inclusive com o auxílio do dirigente da sessão mediúnica ou do doutrinador.

Antes de se considerar a possibilidade de encaminhar alguém à atividade mediúnica, por conta dos sinais físicos e emocionais que apresenta ou de que se queixa, convém afastar a hipótese de um problema orgânico real ou de um distúrbio de personalidade com comprometimento da lucidez.

Espíritos imperfeitos, óbvio que carregamos certas síndromes em nível psicológico, oriundas do passado ou do presente, que nos autorizam a dizer que ninguém há absolutamente são sobre a Terra! Não obstante, muitas de tais mazelas, existindo em nós parcialmente fora de controle, não nos permitem com elas uma convivência pacífica e produtiva no campo da mediunidade.

De certa maneira, é tênue a linha divisória entre obsessão e mediunidade.

Um sem-número de medianeiros, se, de fato, pretendem se tornar úteis no exercício de suas faculdades, produzindo quanto lhes seja possível em sua atual conjuntura cármica, não deve excluir o auxílio de medicamentos prescritos por médicos idôneos e competentes, que funcionem por elementos de contenção aos surtos psicóticos esporádicos que, por ação de obsessores ou não, venham a sofrer.

Mediunidade não é indício de sanidade e equilíbrio espiritual. Todos os médiuns, uns mais, outros menos, são enfermos, com invisíveis chagas abertas na alma que somente o trabalho no bem, sob a égide do Divino Médico, logrará promover a devida cicatrização no curso incessante do tempo.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00564

* Bibliografia: A Mediunidade Espírita, Yvonne Pereira/Wagner Gomes da Paixão, página 172.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XX – Item 229 – Influência Moral do Médium – Questões Diversas – Dissertação de um Espírito Sobre a Influência Moral (Livro dos Médiuns, página 263).

OS MÉDIUNS CONFIÁVEIS

Para os que procuram, ante a faculdade mediúnica de que são portadores, o conforto das respostas e das sãs orientações a fim de que seu encaminhamento seja seguro e proveitoso, as advertências e ensinamentos acima nele encontrarão ressonância e positivação.

Os bons médiuns, definitivamente, são os que procuram, a todo custo, com o sacrifício de si mesmos, de sua personalidade tendenciosa, seguir segundo a vontade de Deus.

Com entendimento e tolerância saberão receber críticas e até agressões, sem, no entanto, afastarem-se do cumprimento de seus deveres para com a consciência e para com o Espiritismo, aplicando, de coração, o que Jesus Cristo nos ensinou, conforme as narrações luminosas de “O Novo Testamento”.

Ante a tarefa que realiza o médium, principalmente, deve se preocupar, não com os nomes das entidades do Invisível que por ele escrevem e se manifestam, mas com o conteúdo de suas comunicações. Este é o dever dele e de todo espírita sério, chamados, por esse motivo, a dar expansão à Doutrina Consoladora pelos critérios do bom-senso e da lógica, visando ao bem geral.

O médium que compreende sua caminhada no Espiritismo não se descura da qualidade em seus esforços pela intermediação da luz, ciente de que tudo o que vem do Alto é digno, correto, coerente, pacífico e espiritualizante.

É no exercício continuado da mediunidade que a personalidade do médium pode se imiscuir, deitando, pela sementeira mediúnica que lhe é peculiar, as notas mais dominantes de seu passado, de suas experiências no Mundo. Por isso, a abnegação sintetiza tudo o que o médium confiável e bom deve conquistar com esforço persistente e vigilância doutrinária.

Quando sente, sem relaxamento da gravidade moral, que os ditados e as manifestações são graças do Pai a seus filhos, então o médium pode ser considerado confiável, porque se submete ao que o Evangelho nos ensina.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00519

* Bibliografia: Livro O Transe Mediúnico, Odilon Fernandes/Carlos A. Baccelli, página 224.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XVII – Item 220 – Questão 15 – Formação dos Médiuns – Desenvolvimento da Mediunidade – Mudança de Caligrafia – Perda e Suspensão da Mediunidade (Livro dos Médiuns, página 238)

MEDIUNIDADE PEQUENA

Diante da faculdade de concretizar o bem sobre a Terra, toda e qualquer faculdade mediúnica, por mais expressiva, é pequena.

Ninguém carece de ser médium, na acepção do termo, para realizar o que é propósito da mediunidade, ostensiva ou discreta, naquele que é portador da mais exímia faculdade.

O que a mediunidade pretende é fornecer à criatura encarnada uma nova noção de valor da existência e, assim, traçar diferente paradigma para a sua vida na condição de espírito encarnado.

Consciente, então, de sua imortalidade, ante a possibilidade de controlar o próprio destino, o homem se sentirá impelido a empreender a sua transfiguração espiritual, renovando-se. E ninguém verdadeiramente se renova, sem combater o egoísmo pessoal...

A finalidade da mediunidade, corroborando para a crença na sobrevivência do espírito, não é apenas e tão-somente informar o homem quanto ao que o espera para além da vida no corpo de matéria densa. Tampouco é efetuar revelações concernentes às Leis que presidem a Criação Divina, nas mais diversas dimensões do Universo sem fim e nem satisfazer às especulações da Ciência, que, por seu esforço e mérito, deverá chegar a conhecimento mais amplo da Verdade sobre os enigmas do ser.

A faculdade mediúnica, qualquer que seja, repetimos, é a de fixar no espírito encarnado os reais valores da Vida, induzindo-o à tarefa ingente do autoconhecimento, para que, enfim, não mais se consentindo embalar pela ilusão, desperte de seu sono milenar.

Portanto, o exercício da mediunidade é de grande interesse, principalmente, para o médium - é mais importante para ele do que para a Causa em si, de vez que a Espiritualidade Superior poderá suscitar médiuns em toda parte.

A mediunidade espírita, sobretudo, é exercício de autoconhecimento à luz do Evangelho do Cristo!

Aquele, porém, que coloca a sua sensibilidade a serviço do amor ao próximo, está, por assim dizer, saltando etapas em sua jornada evolutiva, porque já colocando em prática a proposta última da mediunidade, que é a de espiritualizar-se e trabalhar pela espiritualização da Humanidade encarnada.

Ser médium não é mais do que ser bom!

Ser intérprete do bem sobre a face da Terra é conectar-se diretamente com a Fonte Divina de toda inspiração.

Por esse motivo, somos de parecer que ser médium pelo sentimento é mais do que ser médium pela inteligência.

Nenhuma faculdade mediúnica deverá ser mais desejável do que a de amar os semelhantes - eis a mediunidade por excelência, que Paulo pressentiu e, escrevendo aos Coríntios, considerou: "... ainda quando tivesse o dom de profecia (...), se não tiver caridade, nada sou."!

Na atualidade, é grande o número dos que se interessam pelo desabrochar de suas faculdades psíquicas, a maioria para simples satisfação de natureza pessoal, sem conotação mais profunda com os ideais do Espiritismo, mas, entre eles, raros são os que verdadeiramente cogitam de ser úteis pelo espírito de amor ao próximo.

Por isso, a faculdade mediúnica que, na Terra ou no Mais Além, transcende todas as demais, é a do Amor de que Jesus se fez o Sublime Intérprete entre os homens.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00677

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 60.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

QUALIDADE

76. Recentemente, Joanna de Ângelis apresentou uma proposta de responsabilidades para o Centro Espírita baseada numa trilogia: Espiritizar, Qualificar e Humanizar. Será possível resumir a proposta do Espírito Amigo?

Esses conceitos foram apresentados por primeira vez, pelo médium e tribuno baiano Divaldo Franco, inspirado pela Benfeitora Espiritual, em memorável palestra pública, sendo, mais tarde, colocados em letra de forma num opúsculo intitulado Novos Rumos para o Centro Espírita, publicado pela Livraria Espírita Alvorada Editora.

Preparando a apresentação da tese, Divaldo evoca, na palestra, o lema kardequiano: Trabalho, Solidariedade e Tolerância, lembrando-nos que o Codificador o houvera tomado de empréstimo a Pestalozzi, o grande educador, pai da Escola Nova, quando este afirmara que “o êxito da educação é consequência de três elementos indissociáveis: o Trabalho, a Solidariedade e a Perseverança”. O último conceito – perseverança – Pestalozzi o escolhe porque entendia que o esforço de educar impõe ao educador as disciplinas da paciência, da determinação de repetir a lição o quanto fosse necessário para fixa-la. E Kardec, ao adaptá-lo para tolerância, pensava certamente numa direção equivalente, pois os convertidos ao Espiritismo viriam das várias correntes do Pensamento e da Religião, com seus limites, possibilidades e idiossincrasias e iriam precisar de tolerância recíproca para se ajustarem à ideia nova que estariam interessados em construir e a ela vincular-se.

No entendimento de Divaldo, as duas propostas, a de Kardec e a de Pestalozzi, representam um convite à união. Afirma ele: “a solidariedade é o passo que leva de imediato à união... Os espíritas devem se unir, consoante a recomendação de Jesus, no sentido de formarem um feixe de varas, invencível, pois jamais poderia ser quebrado, enquanto no conjunto formando uma unidade”.

Kardec há de ter pensado no Centro Espírita como uma célula viva e pulsante, lugar de trabalho (para todos), de solidariedade (entre todos) e de tolerância (para com todos) ou, quem sabe, nesse sentido moderno como tem sido concebido pelos idealistas que vieram depois dele: uma escola, uma oficina, um hospital (de almas) e um templo, simultaneamente, diferente das práticas de alguns distraídos ou equivocados que fazem do Centro Espírita um lugar onde se frequenta simplesmente para receber benefícios. Esta falsa concepção de um certo modo tem sido estimulada quando se institucionalizam na Casa Espírita as práticas clientelistas, as promessas de curas, o descompromisso para com a participação responsável, além de outras práticas de massificação, dificultadoras do processo de conscientização e de adesão real de quantos se adentram por semelhantes portas, sofrendo a influenciação de tão inoportunos exemplos.

Então o espiritizar, o qualificar e o humanizar constituem um novo lema, filho dos anteriores, não para instituir novidades, mas para resgatar Kardec, a forma como ele idealizou o Centro Espírita, e Jesus, a forma como Ele idealizou a Igreja Viva a que Paulo de Tarso se referira, inspirado, que não é de pedra e cal, mas de gente, de irmãos que se devem amar entre si como Ele a todos amou.

Espiritizar, na proposta de Joana de Ângelis, tem esse sentido de resgate, de atrair a pessoa que apenas frequenta para que se torne praticante, adotando o Espiritismo e não querendo ser por ele adotado, de permitir-se que o Espiritismo entre nela e não apenas entrar no Espiritismo. Mas, também, espiritizar tem o sentido de viver o Espiritismo como ele é, na sua essência, sem adulterações, modismos, sincretismos, sem adaptações ou concessões a outras correntes de ideias, por mais respeitáveis sejam ou pareçam. Existem propostas muito boas, mas no lugar onde elas estão; se transplantadas para o Espiritismo se perecem, além de asfixiarem o Movimento Espírita.

Divaldo afirma: “Joanna de Ângelis, com muita veemência, teve a oportunidade de nos propor a espiritização de nossa Casa, porque, se o indivíduo vai ao templo budista ali estão as suras do pensamento de Sakia Muni, o grande príncipie Sidartha Gautama. Se vai a uma entidade protestante encontra a presença da Bíblia. Se vai a um culto católico, submete-se aos dogmas da Igreja... Por que a Casa Espírita deverá ser o lugar de ninguém, o recinto no qual tudo é válido, como se fosse o tour de force para que cada qual exiba aquilo que lhe aprouver...?”.

A segunda proposta de Joanna de Ângelis é a qualidade, este conceito moderno que é quase uma doutrina, uma metodologia científica para se alcançar resultados exitosos, mas que já fazia parte (como faz) do pensamento espírita, graças à visão grandiosa e notável de Allan Kardec. Diz Divaldo: - “Para que nos tornemos espíritas, deveremos adotar a qualidade de uma pessoa de consciência... buscar a qualificação espírita, e tentar saber realmente o que é o Espiritismo... procurar melhorar as qualidades morais, sociais, familiares, as funcionais e as de trabalhador da Casa Espírita...”. Aliás, essa ideia de competência, oposição à pressuposição de que a boa-vontade basta, lembra Goethe, o célebre poeta alemão, quando propôs que nada há pior do que a pessoa de boa vontade sem conhecimento, pois atrapalha mais do que ajuda.

A terceira proposta é o humanizar, que representa o sentimento de humanidade, de caridade. É o saber oferecer-se, despersonalizar-se, libertando-se do ego e colocando-se no lugar do outro para o ajudar com prazer, com alegria. Enfim, perceber que tudo o que se faz há de visar o homem, a qualidade de vida, e não aliar-se à filosofia chã dos resultados pelos resultados. O humanizar reflete bem a solidariedade do lema de Kardec, e a tolerância também, que não é conivência, não sacrifica a verdade nem o amor, a nada nem a ninguém.

Encerra brilhantemente a sua proposição com as seguintes palavras: - “Com esses requisitos eu devo ser bom, nobre, justo, paciente, gentil, e se eu tiver algumas dessas qualidades, já terei o suficiente para ser um homem de bem, embora outras tantas ainda me faltem, mas que eu procurarei conquistar através dos tempos futuros”.

77. E como deveremos aplicar a trilogia de Joanna de Ângelis nas questões da prática mediúnica?

Espiritizar: porque prática mediúnica espírita é para espíritas convictos, integrados na Casa Espírita. Não é para curiosos, amantes de benefícios, apelantes sistemáticos, distraídos em relação à transformação moral, muito menos para os “amadores de comunicações”, interessados tão somente em fenômenos. Prática mediúnica espírita é para os verdadeiros espíritas, interessados em espiritizar-se cada vez mais. Nenhum elitismo, nem preconceito, mas coerência doutrinária, zelo pelo investimento da fé. Nela não comportam: superstições, concessões indébitas ao sincretismo religioso; mas pura e simplesmente os procedimentos espíritas, na sua simplicidade e naturalidade, conforme herdamos das tradições kardequianas e que os bons Espíritos, com o auxílio dos homens, vêm atualizando ao longo dos anos.

Qualificar: sobre este item, basta-nos lembrar o que o Codificador estabeleceu: - “As comunicações de além-túmulo cercam-se de maiores dificuldades do que geralmente se crê: não estão isentas de inconvenientes e perigos para os que não têm a necessária experiência. Sucede o mesmo a quem se mete a fazer manipulações químicas sem conhecer a Química: corre o risco de se queimar os dedos” (O que é o Espiritismo, Allan Kardec).

Humanizar: porque se exige do candidato já adepto, além de uma base intelectual, uma preparação emocional para o serviço de cooperação com os Espíritos, trabalho esse que tem por objetivo o homem, a sua transformação moral, e a da humanidade, a sua conversão ao bem, através da crença e do amor.

A falta desses critérios, que aparecem ampliados nesta Obra, tem conduzido ao desastre alguns experimentos mediúnicos, a que, de certo modo, emperra a marcha do Movimento Espírita, na atualidade.

Enquanto a questão da Prática Mediúnica não for equacionada e conscientizada, libertando-a de atavismos e crendices, o Movimento Espírita estará freado em sua marcha, permanecendo vulnerável às críticas, e retardando a obra de implantação do Espiritismo na Terra.

78. Quais as diretrizes a serem seguidas por uma equipe mediúnica para alcançar um padrão de qualidade ideal em seus trabalhos de intercâmbio espiritual?

A ideia de qualidade, pode-se dizer, nasce com a estruturação do próprio grupo mediúnico, antecedendo as primeiras gestões concretas para organizá-lo. Uma vez iniciado o seu funcionamento, deve-se incorporá-la à consciência de todos os seus membros, como um dever inalienável.

Consegue-se o intento, quando cada um dos seus integrantes esforça-se por aprimorar-se no exercício da função que desempenha, cabendo ao dirigente definir os padrões inerentes a cada função bem como os parâmetros de avaliação, indicadores desses resultados felizes que se almejam, os quais, cada um se encarregará de verificar em si mesmo e por si mesmo, numa atitude permanente de reflexão e de autocrítica.

Não deve ser cultivada pela Direção, nem pelo grupo, o hábito de identificar responsáveis ou culpados pela qualidade insatisfatória mas, ao contrário, envidar-se-ão esforços no sentido de resolver os problemas detectados, erradicando-se-lhe as causas através de estudos, encontros, seminários, para troca de experiências e, também, ajustando-se a capacidade de cada membro às expectativas da função que desempenha.

Imprescindível que a equipe não se acostume a conviver com erros ou deficiências, ao invés disso criando mecanismos rápidos para identifica-los e corrigi-los até atingir-se um estágio mais avançado em que semelhantes falhas sejam evitadas pelas ações preventivas adotadas pelo grupo.

79. Existem padrões de qualidade inerentes a cada função de que se compõe uma equipe mediúnica e outros, genéricos, inerentes a todas as pessoas de grupo. Fale-nos a respeito destes últimos?

Sobre esses padrões genéricos relacionados a toda equipe mediúnica, independentemente de função, já nos referimos no primeiro livro da série Projeto Manoel Philomeno de Miranda, intitulado Reuniões Mediúnicas, na sua Segunda Parte.

Poderíamos agora, para melhor entendimento e à guisa de reforço, reuni-los em dois grupos: o primeiro, identificado com o conjunto das qualidades humanas e nele incluiríamos as inerentes à boa moral e à afetividade, que são valores capazes de promover a amizade e a cordialidade, bases essenciais para qualquer labor em equipe que tenha por meta um ideal elevado. O segundo, a consciência dos princípios fundamentais da atividade mediúnica, que são as noções de missão, objetivos e finalidades, conceitos estes que devem estar na mente de todas as pessoas que vivenciam a mediunidade, além da percepção clara dos compromissos que é preciso assumir para o êxito almejado, dentre os quais se incluem a ação no bem, o estudo, a oração, a meditação e outras disciplinas preparatórias.

80. Pode-se conceituar cada um dos princípios fundamentais da atividade Mediúnica citados na questão anterior?

Missão: tomaríamos, a partir dos ensinos dos Espíritos, como sendo a regeneração da Humanidade através da canalização do pensamento dos Mentores Espirituais, sob o comando de Jesus, no seio das ideias humanas para fecunda-las de modo a promover ou acelerar o crescimento ético-moral das criaturas. Neste particular, a missão da mediunidade se confunde com a do Espiritismo.

Objetivos: são as três grandes propostas do Codificador: instrução dos encarnados, erradicação da incredulidade e o trabalho terapêutico de aconselhamento aos Espíritos que sofrem e aos que fazem sofrer.

Finalidades: tomamo-las ao pensamento de Manoel Philomeno de Miranda, Espírito, na obra TEMAS DA VIDA E DA MORTE. Para os encarnados são as lições proveitosas que a prática mediúnica proporciona, a melhor compreensão da lei de causa e efeito que o fato mediúnico traz à tona em lições vivas, o exercício da caridade e da fraternidade anônimas entre os membros da prática mediúnica e destes em relação aos desencarnados que não vemos, sensibilizando-nos para ajudar aos que vemos e, por fim, a conquista de amizades entre os Espíritos que se comunicam conosco.

Para os desencarnados é o alívio de seus sofrimentos, para aqueles que não têm condições de sintonizar diretamente com os bons Espíritos, conseguindo-o através dos médiuns e doutrinadores, através do diálogo, do choque fluídico, das cirurgias perispirituais.